

Clipping de Mídia



NIREZ



“Um dos guardiões da memória
histórico-cultural do Ceará”

2022

Clipping

⌘
NIREZ
⌘

> Clipping - Nirez na Mídia

- Principais registros na mídia impressa da longa trajetória de Nirez

NIREZ e seu arquivo de cêra

Texto de Jomar PEREIRA
Fotos de Felizardo CARDOSO

CORREIO
do CEARÁ
31. ago. 66



Miguel Angelo de Azevedo (Nirez) é filho do conhecido poeta e pintor Otacilio de Azevedo (filho de gato e galinha) e irmão do não menos conhecido Rubens de Azevedo, professor de Astronomia, atualmente residindo em Natal, Rio Grande do Norte.

Para não fugir à tradição da família, composta de artistas Nirez muito cedo se revelou no desenho, ocupando, por alguns anos, uma prancheta de desenhos publicitários no jornal "O Povo". A partir de 1956 ele que sempre foi um amante fervoroso da genuína música popular brasileira, viu-se transformado num colecionador de escações artísticas. Não escutava uma sequer que lhe chegasse às mãos. Assim é que, por volta de 1957, contacta-se com uma vasta coleção de discos de cêra que o animaram a fazer um programa radiofônico na "Rádin Tracema" transmitida até que era levado ao ar todos os sábados, das sete às oito horas. Daí então, a sua coleção foi ficando cada vez mais rica, tornando os próprios músicos contribuintes para isso enviando-lhe discos ou mesmo referências de pessoas das quais Nirez poderia obter mais discos para o seu arquivo.



31 AGO 66

Mais de três mil discos de cêra fazem do Nirez um dos mais completos do Norte e Nordeste. As gravações são verdadeiras reliquias da música popular brasileira.

O disco mais antigo do arquivo do Nirez data de 1902, ano em que se fabricaram os primeiros discos no Brasil. A gravação é "Sempre Rindo", um arranjo cômico que não faz nome de autor nem tampouco interpreta. Sabe-se apenas que foi feita pela "Grande Record Brasil" sob o n. 70994. O disco mais recente é de 1932 — "A Mulher que Ficou na Toca" — segunda edição, gravado três dias antes da morte do seu dono "Chico Vinha".

Atualmente, Nirez mantém na Rádio Uirapuru um programa que denominou de "Arquivo de Cêra" o qual é apresentado todos os domingos das oito às nove horas. Naquela horário os ouvintes têm a oportunidade de ou-

vir verdadeiras reliquias musicais. É um desfile feliz do que há de mais autêntico na nossa música popular. Os amantes da "velha guarda" não perdem uma audição.

O "Arquivo de Cêra" já conta com nada menos de três mil cento e setenta e oito discos, sendo um dos mais completos do Norte e Nordeste. De par com o seu arquivo, Nirez conta, ainda com uma vasta biblioteca especializada em música popular brasileira que o orienta nas suas pesquisas.

Nirez, no momento, se encontra fazendo um levantamento completo dos catálogos de todas as gravadoras existentes no país, desde os tempos dos rolos fonográ-

fos, para publicação de um livro que servirá para consulta dos heráglis da música popular brasileira. O livro será referido de biógrafias de cantores, instrumentistas, autores, tudo enfim que se relaciona com a nossa música. Ressalte-se que a publicação dedicará um capítulo especial à música cearense. O seu lançamento poderá ocorrer ainda este ano.

Finalizados este trabalho com a ajuda do Nirez. As pessoas que quiserem colaborar com o "Arquivo de Cêra" enviando discos, referências, fontes, ou, ainda, publicações especializadas, poderão dispor para 1.94.07 a qualquer hora do dia. O próprio Nirez se encarregará de receber a encomenda.



Este é o disco mais antigo da coleção do Nirez — "Sempre Rindo", gravado em 1902, pela "Grande Record Brasil". Um arranjo cômico que não traz nome do autor nem tampouco interpreta.

2 CADERNO

SEGUNDO

OLHA AQUI, O



A arte contemporânea tem suas alianças ativas e passivas, que sempre serão contestadas. Tudo o que de arte deve ser conservado para um futuro, deve e merece o desaparecimento de muitos documentos de nossa música e nossa cultura, e que Miguel Ângelo de Azevedo (NIREZ) sente a necessidade de salvar para a posteridade parte de arte antiga e que sobrevive do silêncio para muitos contemporâneos. Também, em sua última residência, arte e vida de ninguém, o Museu Fotográfico do Ceará, que tem como objetivo difundir a arte musical e gráfica, resgatando do esquecimento natural, fomentar o interesse público por nossa música popular ao mesmo tempo que difundir e que faz exposição através de palestras, programas radiofônicos, publicação de artigos, livros e materiais interessantes, etc.

Entre as salas do Museu Fotográfico do Ceará (MUSFONO), está a gravadora de documentos que já vem sendo feita — já existem muitos de artigos संगेगएदए em livros e panf, principalmente os de nossa terra. Muitos já mostram sem que houvesse oportunidade de deixar gravado a sua voz, por falta de meios: Francisco Leite, Heráclito Gomes, Zélio Neto, Sobrinho Filho, Paulo Barros, Benito Neres, José Limaevir, João Maril, Paulo Luz, entre outros, já estão gravados. A meta do museu é gravar documentalmente com todos os representantes de Fortaleza, como — Governadores, Deputados de maior destaque, nomes do rádio e TV, que mais se destacaram, cantores, autores teatrais, artistas de teatro, cantores, músicos e poetas, na mesma cidade do Sul do País, que possam por nossa terra. Por outro lado, poderá o MUSFONO manter instalados com entidades de outras cidades para assegurar subsídios diversos para.

Além da gravadora de documentos o MUSFONO se propõe a gravar áudios de composições cantadas que são composições gravadas no Sul, terra como música atual de caráter nacional. Já existem dezenas de fitas com esse tipo de gravação.

O Museu tem gravado pinturas produzidas em Fortaleza, como homenagem a artistas, etc.

COLABORAÇÕES



O MUSFONO tem, desde seu surgimento desenvolvido com passo a distância para divulgação de nossa produção musical. Primeiro, por alguns meses dedicou-se a divulgação do programa "Recordado a Lenda" de Eduardo Fernandes na Rádio Itaboraí de Fortaleza, colaborando no apresentação e subsídios aos sábados pela manhã. Produziu e fez apresentar durante 3 anos o programa "Arquivo do Ceará" na Rádio Itaboraí de Fortaleza; "Arquivo do Ceará" estava também no ar por 3 anos, diariamente, pela Ceará Rádio Clube; o mesmo programa ficou ainda por 3 anos na Rádio Diálogo do Mar; Colaborou ainda o MUSFONO com a Rádio Vozes da Manhã no fomento de disco e subsídios para o programa "Discos e da Saúde" de Álvaro Oliveira, aos sábados à tarde. Atualmente o MUSFONO vem colaborando com a rádio em outras cidades, no programa "Quando a Saudade Aparenta", na Ceará Rádio Club, produção e apresentação do expositivo "Trazendo da Casa e da Vila".

O MUSFONO, através da Nirez vem publicando periodicamente, aos sábados, artigos que sempre ilustrados com as imagens de muitos. Interesses de nome indica, apesar de principalmente de sua época foram ilustrado de 201.

Outro livro lançado pelo MUSFONO para colaborar com a divulgação de nossa música e cultura, como a de Letras da UFC e de Comunicação. Ainda com textos, subsídios e palestras, vem o Museu Fotográfico do Ceará desenvolvendo, com a Fundação de Cultura de Secretaria da Educação do Município, acervo de fotos que tem logo todo o sistema ilustrado de cada mês.

Para maiores do Sul do país tem recebido ao Museu de Nirez em forma de subsídios diversos. Entre os que pensaram com o Museu, apontamentos discográficos, biográficos, bibliográficos, etc., estão: Álvaro O. Santos (Tribuna), SP; Guarnés Barros (Rex, GBC, Edgar de Alencar (Rex, GBC); Ary Vasconcelos (Rex, GBC); José Ramos Teixeira (São Paulo, SP), etc.

ACERVO

O Museu Fotográfico do Ceará possui a maior coleção de material fotográfico produzido no País, já que o Museu de Imagem e do Som de Guarulhos além de não estar organizado não é dividido por temas. Possui 12.000 discos de cera antiga, original, sendo 6.126 nacionais e o restante estrangeiros, vinilizados, discos, etc. com um catálogo à mesma medida brasileira.

Além dos discos de cera antiga, tem ainda, o Museu, 702 discos LP, 17 compactos.

Um livro especializado sobre música popular, incluindo: música popular, música folclórica, etc., possui o Museu mais de 130 volumes.

Revistas especializadas sobre MPB e periódicos em referência sobre a música, mais de 800 volumes.

Cartões e suplementos de folhetos de discos, cerca de 200. Catálogo de TODOS OS DISCOS FABRICADOS NO BRASIL, levantado por Nirez através de postais com o colaborador de todo o país. 13. Catálogo de todos os discos de discos do Museu?

Índice cronológico de composições e intérpretes, 1.

8.000 fichas bibliográficas de composições, poemas, cantores, músicos, etc.; 4.000 fichas sobre autores, de todo o sistema discográfico do Museu; 23.000 fichas discográficas (todas fichas de disco com uma ficha com todos os dados sobre a música gravada); 12.000 fichas bibliográficas por gênero, assunto, tema, instrumento, estilos, gêneros, escolas, manifestações, ranchos, sociedades, acontecimentos, etc.; 10.000 fichas de fichas indica onde recursos, inclusive digitais.



UNIVERSO EM MÚSICA DENTRO DE UMA SALA

Uma vitrola modelo 1932, em pleno funcionamento, e um trabalho de Nirez em perfeito estado de conservação ao primeiro colunador de discos do Ceará, modelo 1900 e outros peças como: lâmpada de vitrola, porcelanagem, placa de identificação de fonogramas, etc.

Uma vitrola modelo 1932, em pleno funcionamento, e um trabalho de Nirez em perfeito estado de conservação ao primeiro colunador de discos do Ceará, modelo 1900 e outros peças como: lâmpada de vitrola, porcelanagem, placa de identificação de fonogramas, etc.

OPINIÕES

No "Livro de Vozes" do Museu Fotográfico, encontramos opiniões sobre o trabalho de Nirez. Entre elas podemos destacar as que seguem:

Cid Cavalcanti "Tratando de um imperdível do grande cronista... Nirez não só fez um Brasil como resuscitou e atualizou na área relativa na sua melhor expressão a música".

Carlos Alberto (Rádio Urupuru) "...é algo que ficará para o futuro, que não poderá ser substituído por nada que não seja uma verdadeira obra de arte".

Dr. Hugo Catunda "...Para avaliar de importância e de grande relevância a coleção de Nirez, é preciso visitá-la e ouvi-la".

Newton Cunha "GENEC" (Associação - Rio, GBC) "Em 26 anos de colecionador de discos, conheci colecionadores como eu, do Norte e Sul, porém nenhum tão dedicado ao trabalho como Nirez, cujo trabalho é digno das maiores realizações".

José Maria Cavalcanti (jornalista) "...pensar na sala de Nirez alguma hora ouvindo sua coleção, é um prazer que por si só, justifica uma visita a Fortaleza".

João Barros (músico crítico musical) "Se o trabalho de recuperação de música popular em vigor a fazer alguma coisa do passado foi que aconteceu, deveu uma parte considerável a discoteca de Nirez e à sua vontade de servir".

Clair Cunha (Tribuna de Ceará) "...Visita a MUSFONO é conviver com a verdadeira música popular brasileira no que tem de mais puro e autêntico".

Edipe de Alencar (leitor - jornalista) "...Além de ser um ser impressionante, de a riqueza de conteúdos, de o cuidado de apresentação, catalogação, ordenação e administração do trabalho pessoal, um dos mais bons e de maior valor do país. O Ceará precisa ter um centro de trabalho dedicado a Nirez".

Therézio de Castro e Silva (leitor da Tribuna) "Visita o Museu de Nirez é visitar uma escola. Não vem com ansiedade colher ensinamentos sobre a música brasileira...".

Reinaldo Araújo (colunador - jornalista - Rio, GBC) "...as discotecas e oprimidos através de programas de rádio e jornais do Brasil, não há quem não se lembre do trabalho de Alencar no Guarulhos".

Alvaro D. Santos (colunador de Tribuna de Ceará - jornalista) "...Alguns, como Brasil de São Paulo, em conferências sobre música nacional".

Uma vitrola modelo 1932, em pleno funcionamento, e um trabalho de Nirez em perfeito estado de conservação ao primeiro colunador de discos do Ceará, modelo 1900 e outros peças como: lâmpada de vitrola, porcelanagem, placa de identificação de fonogramas, etc.



NIREZ

O MUSEU VIVO DE FORTALEZA

Tárik de Souza

SÃO 16 mil discos de 78 rotações, rigorosamente envelopados, contam a poesia e minuciosamente catalogados por música, autor, intérprete. E mais: um volumoso arquivo remete ainda a pesquisador a músicos, autores e intérpretes contidos numa complementar coleção de revistas antigas, onde se contam desaparecidos títulos como *Notas Ilustradas*, *Eu Sei Tudo*, *Vamos Ler*, *Cartões*, *Revista do Rádio*, *Cineasta* e outros. Se preferir ainda, o consultante pode aprofundar esse verdadeiro mergulho na máquina do tempo ouvindo depoimentos gravados, seguindo a série completa das *Estampas Euclides* e outras coleções tão variadas e raras como uma de antigos negativos que vai até a época do daguerreótipo; de rótulos, cartelas de cigarros, menus de restaurantes (um dedicado especialmente a um jantar do Presidente Getúlio Vargas), cixias de fósforos e até tampinhas de garrafa, coleção de pávora adóptios devido à dificuldade de conservação.

Esse variadíssimo museu da imagem e do som fica numa casa particular de simpática Avenida José Bastos, em Fortaleza. O proprietário a construiu de frente para um terreno baldio todo plantado ("Mito na floresta" — ironia) com a curta rede de funcionário público e jornalista, empregos equilibrados com dificuldade. O museu, aberto logo à sala de entrada com poetas de Francisco Alves, Ary Barroso, Custódio Mesquita, Carmen Miranda, Lauro Maia, Patrício Tejada, Zequinha de Abreu, entre muitos outros, em flagrante incômodo por enquanto continua com letra manuscrita. O Governo do Estado



Nirez: uma riquíssima devoção desamparada

acaba de inaugurar um oficial Museu da Imagem e do Som em Fortaleza, com material pobre, sem utilizar o acervo acumulado por Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, em dedicados 27 anos de pesquisas. Ao contrário do combinado com a Secretaria de Cultura amarelada, Nirez terá de sustentar, às próprias expensas, o extraordinário museu particular que se orgulha de manter aberto aos estudantes e pesquisadores.

Mas nada abate o intrépido e um tanto descrente colecionador. Nem mesmo o descaso oficial pela gigantesca *Discografia Brasileira* levantada por ele e outros três pesquisadores (Grácio Barbalho, de Natal, RN; Alcino Oliveira Santos, de Taubaté, SP; e Jairo Severiano, do Rio) sob encômenda do MEC, em 1978. Os cinco grossos volumes, de 500 páginas cada, com cerca de 80 mil composições, 6 mil intérpretes, referentes a 42 anos de música brasileira (1932-1984), toda a vigência do disco de 78 rotações, continuam em sua estante. O MEC, presente à primeira (e por enquanto única) Reunião Nacional de Pesquisadores da Música Popular Brasileira,

organizada pelo jornalista Aramis Millard em Curitiba, interessou-se pelo trabalho que Nirez, Grácio, Alcino e Jairo realizavam espontaneamente. "A gente foi se conhecendo aos poucos" — conta Nirez. "Primeiro foi o Grácio. Começamos a trocar informações, discos que nos faltavam, dados, intérpretes, números de catálogo." O MEC comprometeu-se, em 1978, a editar o trabalho logo que concluído, no prazo de um ano — e nunca mais falou no assunto, embora algumas editoras particulares tenham se candidatado a uma co-edição.

Ao invés de desinteressar-se, Nirez, na Sala Descartes Selva Braga de sua casa ("foi o primeiro pesquisador de Fortaleza, começou em 1910 e me legou seu acervo"), seguiu aperfeiçoando a *Discografia*. Hoje ela conta poucos claros, mesmo assim abertas na parte inicial do século. Do segundo volume em diante não há uma só folha, cada disco está meticulosamente anotado sob quesitos número, repertório, gênero, número da matriz, intérprete, autores, data da gravação e lançamento. Tal levantamento é imprescindível até mesmo às pró-



Discos, fitas, livros, coleções de revistas, posters ocupam várias salas da casa de Nirez, aberta aos pesquisadores e a estudantes

prias gravadoras, proprietárias das matrizes: todas, sem exceção, desferiram-se da maior parte dos 78 rotações, sempre com a alegação de que "ocupa muito espaço". Nirez entusiasma-se e mostra uma ídola raríssima de sua coleção preciosa e bem conservada: um 78, estalando de novo, com as Irmãs Farias interpretando o célebre *Camisa Listrada*, de Assis Valente. A dupla foi a primeira a gravar o assina, mas Assis, desconcertante com o resultado — que aos insinuante, nam arranjo de concepção modernista — preferiu cancelar o lançamento, reservando o estrondoso sucesso a Carmen Miranda, sua intérprete favorita. Essas histórias, acumuladas por Nirez, somam-se ainda ao registro, no final de cada livro, dos acompanhamentos, orquestras e regionais aprende nos sumários seis das 78 rotações e confrontados com informações da imprensa da época, arquivadas pelo pesquisador.

Essa devoção por guardados e pesquisa, "nunca foi bibliotecnômica, sou autodidata", começou quase ao acaso. Descontente com a música popular que imperava no país em meados da década de 30,

"uma mistura de baião, boêmio e bossa nova que não me agradava", Nirez, cearense de Fortaleza, hoje com 47 anos, passou a percorrer as casas de família recolhendo 78 rotações estocadas, prestes a ir para o lixo. Comprava a música da moda, "aquelas seqüências intermináveis da série *Festa para Dançar*, com *Waldir Calmon*" e trocava por discos antigos, muitas preciosidades, desprezadas por seus proprietários interessados na nova onda. Aos poucos tinha construído uma fabulosa discoteca, além de ir recolhendo, pelos mesmos caminhos, demais objetos de coleção, organizados em conjunto com a mulher. Durante sete anos manteve um programa de rádio, *Arquivo de Cera*, utilizando apenas seus próprios discos conservados à base de uma solução de silicone. Aos domingos, sem uma coluna no jornal *O Povo*, onde biografia importantes e escuras figuras da música popular com o auxílio do arquivo do Museu da Imagem e do Som que funciona em sua casa. Um projeto de vida apaixonado e substancial que não pode continuar anônimo e desamparado.

Notícia: A partir das 11h, que não tinham doco, passaram a ser disputadas, gatas e perdidas como um objeto. No século XVII foram ocupadas pelos holandeses e em 1700 passaram à

nista". Com a II Guerra, transformou-se em Território Federal administrado pelo Exército e base militar americano-brasileira contra os nazistas. Em 1961, passou para a Aeronáutica e cinco anos

deste artigo:
Pela criação de um Parque Nacional de Fernando de Noronha
Suplemento Nacional 2, Ed. 10/12/87

B E L E Z A

04 DEZ 87

Um raro colecionador de música popular

O cearense Miguel Ângelo de Azevedo tem um dos maiores acervos de 78 RPM

Redeção Spinola
de Fortaleza

Está no Ceará, em Fortaleza, na escadaria e sobrado rua Prof. João Bosco, no bairro portuário do Bessifim, um dos maiores e mais importantes acervos de música popular brasileira. Trata-se do Museu Cearense de Comunicação, criado e organizado pelo pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, que, no alto dos seus 54 anos, guarda nas rugas do rosto e nos cabelos brancos nuances profundas dos homens públicos cearenses. "Até hoje nunca recebi um convite de ajuda, seja da prefeitura, do governo do estado ou das autoridades federais, mas, graças a Deus e ao meu trabalho, tenho forças para mantê-lo, juntamente com minha família" — desabafa Miguel. Pai de quatro filhos, Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido por Nirez, funcionário público federal — ele pertence aos quadros do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas —, é arquivista do jornal O Povo e alimenta o sonho de um dia poder oferecer à população, turistas, pesquisadores e, principalmente, aos estudantes tudo aquilo que, com muito sacrifício e trabalho, conseguiu reunir em uma sala de sua casa.

Nirez também nunca recebeu ajuda de entidades privadas, mas, nem por isso, ele perde o entusiasmo de continuar no seu trabalho de alimentar as suas coleções. Modesto (imagem inclusive transmitida por seu corpo frágil), ele pesa pouco mais de 50 quilos, não guarda nenhuma vaidade por sua atividade cultural e só tem uma frustração: "As autoridades locais não têm sensibilidade para um trabalho que é reconhecido em todo o País e em vários continentes". A sua coleção de discos de 78 rotações é seguramente uma das mais ricas do País. Afinal, são 16.800 discos de 78 rotações, cuidadosamente envelopados contra a poeira e detalhadamente catalogados por música, autor, intérprete e data.

Ele mais existe, logo à entrada da principal sala da casa de Nirez, um volumoso arquivo onde os pesquisadores encontram não só as músicas que procuram, mas também a história de seus autores através de revistas (e recortes) antigas, como as extintas *Noite Ilustrada*, *Es Seí Tudo*, *Vamos Ler*, *Cartões*, *Revista do Rádio*, *Cinearte* e outros títulos desaparecidos. Mas Nirez não coleciona apenas discos antigos (e modernos, também): ele é dono de uma filoteca que reúne mais de 3.000 álbuns sobre música popular, história das invenções, de Fortaleza antiga, documentos e outros. A sua musicoteca possui 320 partituras para piano e canto, partituras para orquestras, além de manuscritos de compositores cearenses e regionais. A fototeca de Nirez dispõe de 2.100 negativos de vultos, vitais, grupos de pessoas e documentos. De relíquias, o colecionador possui um gramofone modelo 1906, Victor, fabricado em Camden, New Jersey, e uma vitrola modelo 1923, também Victor, com regulador de velocidade para 80 RPM. Além disso, Nirez tem coleções de cartelas de cigarrões de fabricação cearense e brasileira, desde a segunda década deste século, bem como de caixas de fósforos, lâpis de propaganda, fichas de radiolas usadas nos antigos bares e cafés, copos de bônus, folhetos e gravações de políticos.

Em vez de desinteressar-se, Nirez, na sala de Desastres Seivas Braga de sua casa ("foi o primeiro pesquisador de Fortaleza, começou em 1910 e me legou seu acervo"), seguiu aprimorando a sua discografia. Hoje, ela conta poucas falhas, mesmo assim apenas na parte inicial do século. Do segundo volume em diante não há uma só falha; cada disco está meticulosamente anotado nos seguintes aspectos: número, repertório, gênero, número da matriz, intérprete, autores, data da gravação e lançamento. Tal levantamento é imprescindível até mesmo às próprias gravadoras proprietárias das matrizes: todas, sem exceção, se desinteressam da maior parte dos 78 rotações, sempre com a alegação de que "ocupa muito espaço". Nirez entusiasma-se e mostra uma jóia que considera raríssima de sua coleção: organizados em conjunto com a mu-



Miguel Ângelo, uma sala inteira dedicada à música, tem apenas quatro cômodos



78s e álbuns antigos e modernos e novos



O gramofone modelo 1906, fabricado no New Jersey, Estados Unidos

Se você encontrou revista Gump e você curte conhecer episódios históricos: por favor, Leve e Núcleo 1 60 cruzeiros

No prédio Nirez Cu aproveitou colocar na coleção a História da Bahia. Cu vai contar conto de história: episódio



Bar Restaurante

Réveillon 87/88

O clube noturno TRAMP, que já marcou 87 em inauguração, vai entrar em 88 com muito brilho. Uma festa como poucas, para pessoas especiais em Comece o ano no TRAMP. Comece o ano brilhante!

O Réveillon no TRAMP contará com a presença de 1 de samba, e para os participantes que forem feitos haverá um concurso de fantasmas, onde o prêmio se viagem para Mônaco. Prepare suas partes!

Rua Franz Schubert, 159 - Fone: 210-9093, 212

Cinema

Os romances continuam em alta cotagem no cinema. Depois de "Tudo ao seu tempo" de presidente... "A Turma Casseta & Planeta" invade amanhã o TJA



Pátria Minha: romance de Alice e Rodrigo com dias contados
Corujaõ exhibe o policial "Não vê quem não quer"
A "Turma Casseta & Planeta" invade amanhã o TJA
Chico Sciense e banda Nação Zumbi hoje na barraca Biruta
"Amor à queima roupa" é o cartaz do Cinema de Arte

Diário do Nordeste 3

Grandes Vendas Ofertas Especiais Vitrine de Importados Peças a partir de R\$ 4,00 IGUATEMI E ALDEOTA

ESTILO DE VIDA, CULTURA E LAZER DIÁRIO DO NORDESTE NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Quatro personalidades recebem hoje a "Sereia de Ouro"

O Troféu Sereia de Ouro, promovido pelo Sistema Verdes Mares, chega à sua 24ª edição. A festa de entrega do Troféu acontece hoje, nesta noite, no Mar Club, às 21 horas, localizada pelo empresário Edson Queiroz para homenagear personalidades da nossa política, do mundo artístico, social, econômico, empresarial, e Sereia de Ouro será entregue este ano ao cineasta Luiz Carlos Barreto, ao médico José Oswaldo Soares, ao engenheiro e jornalista Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) e ao historiador e jornalista Mozart Soriano Aderaldo.

José Oswaldo Soares é um grande jornalista. Com 62 anos, ele se dedica à sua função de Mestrado de Fortaleza e há o prêmio de melhor jornalista pago de trabalho e salário mensal. José Oswaldo Soares não apenas não se dá por satisfeito com o trabalho que faz, mas também se dedica a escrever artigos de opinião para o jornal "O Nordeste".

Miguel Ângelo de Azevedo (Nirez) é um jornalista experiente. Com 60 anos, ele se dedica ao jornalismo há mais de 40 anos. Foi fundador do jornal "O Nordeste" e atualmente trabalha no jornal "O Nordeste".

Homenageados

- 1971 Engenheiro José Walter B. Cavalcanti, Engenheiro José de Pinho de Sá, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo.
1972 Engenheiro Carlos César Reis, Engenheiro Luiz de C. Cavalcanti, Engenheiro Roberto Vitor Costa, Senador Vergílio Pinheiro Torres.
1973 General Teófilo Teófilo O. de Oliveira, Professor João de Barros Pereira de Castro, Professor Danilo Aguiar de Moura, Sr. Dagmar de Moura Junqueira.
1974 Governador César Caldeira de Oliveira Filho, Professor Antônio Martins Filho, Engenheiro José Luiz de Albuquerque, Professor João de Barros Pereira de Castro.
1975 Desembargador Rui Monte Costa, Professor Roberto de Albuquerque e Silva, Advogado Thomas Pereira de Sousa Jr. Neto, Médico Álvaro R. Aguiar.
1976 Médico Amador Ribeiro Filho, Coronel Álvaro Luiz de Castro, Professor Ramonete Gomes, Volante José de Melo.
1977 Jornalista Luiz Cavalcanti Soares, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo, Engenheiro Antônio Manoel Cavalcanti.
1978 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1979 Professora Eunice Barreto Diniz, Advogado Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1980 Advogado João Tomaz de Aguiar, Advogado Antônio de Sá, Médico José Pinheiro Neto, Sr. Renato Araújo.
1981 Engenheiro Adalberto Torres, General Francisco de Paula, Médico, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo.
1982 Engenheiro Cláudio Ram, Coronel Roberto Cavalcanti, Sr. João Manoel de Aguiar, Médico Roberto Cavalcanti.
1983 Doutor Antônio Manoel de Aguiar, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo, Barão de São Paulo de Melo.
1984 Advogado Antônio Venâncio de Andrade Pinheiro, Médico de São Paulo de Melo, Advogado Antônio Venâncio de Andrade Pinheiro, Médico de São Paulo de Melo.
1985 Senador Carlos Manoel Cavalcanti, Advogado Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1986 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1987 Poeta João Roberto Cavalcanti, Advogado Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1988 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1989 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1990 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1991 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1992 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.
1993 Advogado Roberto Monteiro, Engenheiro Roberto de Sá, Sr. Luiz Pinheiro, Professor de Direito Roberto de Sá, Desembargador Vergílio de Sá.

Luiz Carlos Barreto nasceu em 20 de maio de 1926, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.

Mozart Soriano Aderaldo nasceu em 1917, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.

Luiz Carlos Barreto nasceu em 20 de maio de 1926, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.

Mozart Soriano Aderaldo nasceu em 1917, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.

Luiz Carlos Barreto nasceu em 20 de maio de 1926, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.

Mozart Soriano Aderaldo nasceu em 1917, em São Paulo. Foi jornalista e escritor. Foi diretor do jornal "O Nordeste" e autor de vários livros.



Desembargador Miguel Angelo Azevedo Soares entrega o prêmio Mozart Soares



O prêmio Antônio Cantanhoto entrega o Sereia de Ouro a Nirez



Luiz Carlos Barreto recebe o buquê de sua esposa Anny Enrig



O presidente da ACL, Artur E. Benevides, apresenta Mozart Soares

Sereia de Ouro

Destaque aos que engrandecem Estado e comunidade

O Sistema Verdes Mares realizou, na noite de ontem, no Salão Nobre de José Oswaldo Soares, a entrega do troféu Sereia de Ouro, em sua 24ª edição, idealizada pelo empresário Edson Queiroz para homenagear personalidades do mundo político, social, artístico e empresarial, que ao longo do ano foram escolhidas em um processo de seleção realizado em nível de Estado e da comunidade. Também realizou a entrega do troféu Sereia de Ouro, em sua 24ª edição do troféu. "Com a singular alegria que caracteriza a realização dos grandes eventos, estamos efetuando, hoje, mais uma homenagem a uma das grandes personalidades de nossa sociedade, que, com sua trajetória, fez o sucesso desta noite".

Palando em nome dos agraciados, o pesquisador Miguel Angelo de Azevedo Soares, o Nirez, destacou o caráter democrático da Sereia de Ouro. "Este prêmio já foi entregue a cientistas, juristas, cantores, intelectuais, políticos, empresários, médicos, atores, religiosos, banqueiros, professores, industriais, jornalistas, músicos, militares, enfim, beneficiando todos os ramos de atividade". Falou também da validade e honra de receber a homenagem. "O troféu é uma homenagem a uma personalidade que não só trouxe honra à nossa cidade, mas também ao Brasil".



Dona Yolanda Queiroz, presidente do Grupo Edson Queiroz, apresenta o troféu Sereia de Ouro a Nirez

Emocionado, Nirez lembrou a figura de Edson Queiroz, que instituiu o prêmio há 24 anos. Da vida de história, resgatou passagens importantes da vida do industrial, desde os primeiros passos em Cauacavel até a fundação da Universidade de Fortaleza (Unifor), em 1973. "É o ensino que forma as mentes. É a educação que aproxima a civilização". Disse ainda que Edson Queiroz não deixou apenas uma herança: "Ficaram várias sementes, que ele tão bem plantou e iniciou a colheita".

Uma 'singular alegria'

Dona Yolanda Queiroz fez o seguinte pronunciamento: "Autoridades Presentes Senhoras e Senhores Causa Homenageado: Com a singular alegria que caracteriza a realização dos grandes acontecimentos, estamos efetuando, hoje, mais uma homenagem a uma das grandes personalidades de nossa sociedade, que, com sua trajetória, fez o sucesso desta noite".

Intimada há 24 anos pelo nome quando Edson Queiroz, a Sereia de Ouro é outorgada anualmente a quatro nomes de expressão maior, laboriosos da Ciência, das Artes, das Letras e da Política.

São distinguidos nesta noite, considerados os valores de sua atuação em prol do Estado e da Comunidade, as seguintes personalidades:

- Cineasta Luiz Carlos Barreto, de autoridade inconteste, cuja atuação transcende os limites nacionais e leva o Ceará e o Brasil ao reconhecimento de todo o Mundo.
- Professor Mozart Soares Aderaldo, brilhante escritor e jornalista, com elevada produção literária e sua significativa passagem pela vida pública do Ceará.
- Agrônomo Miguel Angelo de Azevedo Soares, cuja atuação transcende os limites nacionais e leva o Ceará e o Brasil ao reconhecimento de todo o Mundo.
- Professor José Cavaleiro Soares, Médico, que há mais de 60 anos engajado e sua dedicação a quantos deles necessitam, individual ou coletivamente.
- Jornalista Miguel Angelo de Azevedo Soares, cuja atuação transcende os limites nacionais e leva o Ceará e o Brasil ao reconhecimento de todo o Mundo.

"A premiação mais almejada"

Em nome dos homenageados, o pesquisador Miguel Angelo de Azevedo Soares, Nirez, fez o seguinte discurso: "Nesta noite o dom da palavra, quer improvisada ou escrita, mas sempre agradável esta homenagem e creio estar imbuido do mesmo sentimento que os demais".

Estamos recebendo a premiação mais almejada de nossa terra, a Sereia de Ouro, criada pelo espírito de Edson Queiroz em 1971 e que a cada ano mais se credencia e cresce não só no conceito da sociedade cearense, mas na brasileira.

A Sereia de Ouro é um prêmio de reconhecimento dado em homenagem a pessoas que contribuíram de maneira relevante para o desenvolvimento do Estado e da comunidade. Este prêmio já foi entregue a cientistas, juristas, cantores, intelectuais, políticos, empresários, religiosos, atores, religiosos, banqueiros, professores, industriais, jornalistas, músicos, militares, enfim, beneficiando todos os ramos de atividade.

Tenho ligados aqui a família de Edson Queiroz. Minha mulher é filha de Cauacavel, cidade que teve a honra

de ver nascer em 1925 Edson Queiroz, filho de Cândida e Onésio Queiroz. Seu pai era comerciante nato e logo veio para Fortaleza. Edson estudou no Colégio Cearense do Sagrado Coração, na Avenida Duque de Caxias, logo passando para o Liceu do Ceará onde fez o curso secundário. Na Escola Técnica de Comércio Padre Champagnat fez o curso de técnico em Contabilidade, formando-se em 1948. Trabalhando já ao lado de seu pai, inicia vários outros negócios paralelos. Funda a Loteria Estadual do Ceará e a Loteria Estadual de Pernambuco. Sua grande paixão, porém, deu-se em 1951 quando fundou a firma Edson Queiroz & Cia., dedicada à comercialização de fogões e gás liquefeito. Estava iniciado o complexo erro de regresso de nossa terra.

Mas Edson Queiroz pensava mais largo e queria deixar ao Ceará um encampamento mais nobre ainda e pensou na Universidade de Fortaleza que após satisfazer as disposições legais estabelecidas pelo Conselho Nacional de Educação,



teve seu funcionamento autorizado através do decreto nº 71.655 em 4 de janeiro de 1973. Passava a existir a Unifor. É o ensino que forma as mentes. É a educação que aproxima a civilização.

Quin Deus que Edson nos deixasse naquele 3 de junho de 1982 a der-dim do 40º aniversário de sua poderosa grupo, mas ficou a semente, um melhor, ficaram as sementes que ele tão bem plantou e iniciou a colheita. Na sua homenagem ficou a frente do Grupo Dona Yolanda Queiroz, sua mulher que o acompanhava em toda a sua trajetória e que tão galbaldamente tem dirigido o grande complexo por ele deixado.

Receber a Sereia de Ouro nos traz o mesmo tempo que um honra. Procuramos manter a humildade para que também honrara não nos seja à cabeça. Somos finalmente quatro corações e vós outros em mente agradecidos.

O professor José Cavaleiro Soares veio lá de Santana do Acaraú, onde passou toda a infância, chegando aqui em Cauacavel em 1940. Estudou lá, com a vontade de servir à humanidade através da Medicina. Logo após a Revolução de 1930 já estava na Faculdade de Medicina de Maracá, no então Capitão Federal. O Brasil vivia dias conturbados e quando o golpe do movimento constituinte chegou em São Paulo, Fortaleza já recebia o doutor José Cavaleiro Soares, formado em especialidade em Hamburgo, Alemanha. Foi ele quem, pela primeira vez, realizou aqui cirurgias renais e prostáticas. Seus 87 anos de idade não o desanimam e ele continua dando a sua parcela de colaboração na Santa Casa de Misericórdia. Sua vida é um exemplo de coragem, persistência e dedicação agra reconhecida.

Luiz Carlos Barreto, sua cineasta famoso internacionalmente, dispensa apresentação, mas vale a pena lembrar sua coragem ao deixar sua terra natal em busca de melhores dias, aventurando-se como repórter na grande cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, levando a tiracolo sua câmera fotográfica. Mas seu espírito inquieto ficou buscando sua verdadeira vocação que abraçou em 1960. Para vocação foi o cinema. É até difícil dizer se ele nasceu para o cinema ou o cinema nasceu para ele. Ao lado de sua mulher, D. Lucy, fez mais de 60 filmes, entre eles "Vale Seixas", para citar apenas um.

O professor Mozart Soares Aderaldo é a própria história do Ceará personificada. Meu compatriota no Instituto do Ceará e agora na Sereia de Ouro, é de uma fidelidade sem limites quando se refere à história. Ama o Ceará como ninguém, principalmente sua Fortaleza, embora tenha nascido no Maranhão. Sua "História Abreviada de Fortaleza" tem muitas informações que muitos compatriotas que andam por aí. Graças a sua insistência foi plantado no Praça do Ferreira novamente o Calvário Botafogo e mais recentemente o Orlizário do Rosário, na Rua General Bezerra.

E eu, um meio gatinheiro das coisas do passado, nasci com o nome de Miguel Angelo de Azevedo, mas cedo surgiu o apelido familiar de Nirez, nunca explicado e que adotei para marcar o resto de minha vida. Amo tudo aquilo que diz respeito à memória de nossa terra. Recordo a Fortaleza provinciana sem a barulheira de hoje, sem os carros de som, sem os alfabetizados nos postes. Era provinciana, mas era, nesse âmbito, mais um adiantado que hoje. Fecho os olhos e revivo o velho Majestic, a Livraria Edessa, o Pega-Pinga de Munduco, o Triunfo, o Roussier Sportman, os amigos na Praça do Ferreira, os jantares que eram expostos em armários em redor das árvores e cada uma era conhecida como "placaz". Debo aos ensinamentos do professor José Cavaleiro Soares, do cineasta Luiz Carlos Barreto, do professor Mozart Soares Aderaldo, do exemplo deixado pelo desbravador Edson Queiroz e de muitos outros que foram e fazem a história de Fortaleza.

Em nome de nós quatro agradeço profundamente a honraria de nosso nome para esta honraria e do laço de pelo, muito obrigado".

ARTES
MÚSICA

Vivendo num arquivo de cera

O historiador cearense Nirez conta como formou e mantém a mais completa coleção de documentos da MPB

LUIS ANTÔNIO GIRON
de Fortaleza

O homem é em si. Miguel Ângelo de Azevedo, mais conhecido como Nirez, cumpre a função de Santo Espelho dos músicos em apuro. Nas últimas quatro décadas, esse pacato portin sertanejo desce a escada a escada a milhares de pedidos de pesquisadores, fãs e pira-quisitas necessitadas de gravações, fotos ou documentos. Ele possui a mais ampla coleção particular de fotos, discos e publicações sobre música popular brasileira. É mais ampla que a do crítico José Ramos Tinhorão, recém-vendida para o Instituto Moreira Salles, e pode ser comparada à de Almeida, Lúcio Rangel e Mozart de Araújo — hoje incorporadas a museus e acervos públicos. A de Nirez talvez seja a mais rica de todas as coleções, mas ele, com um olho clínico, diz não pôr a mão no fogo. "Já desisti de muitas doações porque não tinha dinheiro para transportar os discos para cá", diz. "Havrá pejarum".

para não falar das coleções de jornais, revistas, partituras... É a correspondência que travou com os gigantes da MPB ao longo dos últimos 46 anos.

Certa vez, o Museu da Imagem e do Som do Ceará propôs a compra da coleção, arrendando a Nirez a função de curador do acervo. O dinheiro oferecido era suficiente e o colecionador até pensou em aceitar. Mas desistiu quando percebeu que seus queridos documentos iam ficar à mercê dos governos. "Na época, a única gravação que o museu tinha eram dez minutos de uma família do papa. Descobri que não haveria garantia de continuidade e não aceitei", conta. "Não ia jogar toda uma vida fora. A maneira mais prática de destruir um acervo é entregá-lo ao poder público".

Por isso, não pensa em doar sua coleção e muito menos em vendê-la a organismo estatal ou privado. "Vai ficar por aqui mesmo. Depois que eu morrer, sei lá. Quem sabe a família faça uso do material. Uma filha demonstrou interesse em pesquisa. O futuro é o deus-dará".

discos sobrando e ia pegando os discos de cera em troca de LPs de vinil. A ironia do destino foi engrandecendo minha discoteca".

A tal ironia assume a forma de um bumerangue. Entre 1902 e 1964, milhões de toneladas de cera de carnaúba foram extraídas dos carnaúbeiros do Ceará para a fabricação dos discos de 78 rotações. Aos poucos, quase toda a matéria-prima regressou ao Estado de origem. E Nirez chamou a cera de volta, sem processo irrevogável de reconstituição de posse. Ele recebe, cataloga e conserva as bolachas quebradas com o nacionalismo de um vingado. "Minha coleção é feita de disco comprado barato, disco roubado e doado".

Nirez é bem mais que um rolo de história da música brasileira. Filho do poeta e pintor Otávio de Azevedo, Nirez nasceu em Fortaleza em 15 de maio de 1934. Na casa dos pais, ha-

de ter regularidade. Publicar aleatoriamente não vale nada".

Nirez trabalhou como chefe do departamento de pesquisa de "O Povo" entre 1978 e 1993. Publicou suas críticas em 1990. Em 1999, lançou o livro "O Balanço de Lauro Maia" (Espaço das Letras, 251 páginas) em tom de investigação do ritmo do balanço — pelo compositor pré-histórico Lauro Maia (1913-1950). O volume não encontrou fortuna crítica no sul, mas desmontou o fitego de Nirez para a pesquisa. Ele desafiou por tanto vida e obra de Maia, sem deixar dúvidas para pesquisas posteriores. Espólio o assunto.

O pesquisador se diz fanático pelos arquivos. Foi escangalhado pelo Instituto Histórico para assumir a missão de organizar o volume "Dados e Fotos para a História do Ceará". A obra, monumental, foi idealizada pe-

hizada de República do Equador — e os primeiros acões que atenuaram no rio Ceará. "O livro aborda o golpe de 1º de abril da ditadura militar e a atual situação das medidas provisórias", explica. Não se esqueça de apoiar episódios pitorescos: "Dizem que o Ceará é indolente. No ano de 1942, por exemplo, o sul não conseguiu fazer o estoque das munições. O povo achou aquilo absurdo porque o sul sempre se deu bem por aqui. O pessoal se reuniu na praça do Ferreira para ver se o astro ia aparecer. Não dava o ar da graça. Ai, no fim da tarde, ele conseguiu uma brecha. E a praça inteira vaiou o sol".

Entre as realizações de Nirez, destaca-se a organização e edição da "Discografia Brasileira em LP, 78 rpm (1902-1964)", em cinco volumes, publicada pela Funarte em 1982. Hoje esgotada, a obra reúne e classifica toda a produção discográfica no Brasil nos 62 anos do pontificado do disco de 78 rotações. Nirez realizou o projeto em parceria com outros três pesquisadores: Gracilo Bar-

reira, Alcino Santos e João Severiano. "A obra é uma enciclopédia que serve para ser evitada".

Como extensão, a "Discografia Brasileira" apresenta falhas que foram corrigidas nos últimos 20 anos. "Há erros ortográficos e técnicos que completam no computador de tempo para cá. Algumas descobertas foram feitas. Achei algumas gravações consideradas perdidas, além de datas e locais das gravações. E, embora ninguém se interessasse mais por 78 rotações, eu e o João Severiano estamos planejando a nova edição da obra em CD-ROM".

Quando a discografia em LP, o pesquisador considera que um levantamento nesse campo é impossível. "É uma pena. Mas tudo o que foi produzido em vinil — LP e compacto — está se perdendo. As edições não levavam numeração, selos e faixas eram trocados de forma arbitrária. Com isso, tenta-se atropelar de conta de tudo o que foi gravado em LP de pesquisadores como Luiz Gonzaga e Tom Jobim".

Suas investigações o afastam do entretenimento. Revela que não ouve mais música por prazer. "Deleite-se com a música. Faça análises profissionais. O engajado é que ouve música que em um momento que existiu".

Ele convivia e convive a um passo por seu arquivo digital. Escreve a palavra "música nordestina" e aparece na tela uma lista de gravações. As primeiras são rones, nos anos 50. Uma das primeiras é "Do pilão", de Juracy e Augusto Calheiros, pelo Regional de Laperce Miranda (Odson, 1938). "Nessa época não existia rádio. Na verdade, o rádio apareceu na época como samba. Era samba e o pessoal chamava de "baiano" para identificar sua origem". Nirez não gosta de usar modo do site no fórum: "Foi o site da 'Nordestina', por isso eu estou querendo o site da 'Nordestina' que significa festa. Nada a ver com 'for all', como querem alguns americanizados. Mas o fórum do hoje é mais 'for all' que forobódo, uma jogada turística para ganhar dinheiro. O site tem modestia é". E existe, manifeste, um direito em que aproucho as gravações inaugurais do ritmo no Brasil, em 1902, para a Casa Edison, na Banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro, regida por Anacleto de Medeiros. "A palavra 'toto' vem de 'schottisch', uma dança escocesa que fez sucesso na belle époque".

Seu próximo projeto é escrever uma "História do Brasil pela Música Popular". Nirez observa que é possível contar grande parte dos fatos da história nacional por meio das canções. "A música é promissora e talvez eu não possa realizá-la. Estou com um fichário grande. Transcrevi centenas de letras. Encontrei 150 músicas só sobre a Primeira Guerra Mundial. Outro tanto sobre a revolução de 1930, Santos Dumont e o descobrimento do Brasil. Mas há vazios". Não achou nenhum registro sobre o governo de José Sarney e quase nada sobre os primeiros anos da época do presidente João Batista Figueiredo.

Nirez oferece caixinha gelada e continua a brincar com conceitos, definições, epigramas e trava-línguas espaçados da memória musical. As figuras de seu museu de cera convertem a de mover e executar sons. É a reportagem não tem mais hora para terminar.



Nirez: busca de discos de 78 rotações por causa do descontentamento com a música de sua geração

Trata o acervo de itens e sons como se fosse parte de seu corpo. "Consegi tudo sem saber no que ia dar. Eu tinha 20 anos em 1954, quando comprei meus primeiros discos de 78 rotações". Na época, os primeiros LPs de vinil começavam a aparecer no mercado. Mas Nirez não gostava da música de seu próprio tempo. "A única música de resistência cultural no pós-guerra era o baio de Luiz Gonzaga. Tive de ouvir por manifestações esparsas da época, três ou quatro sambas, e os antigos. Sou um apaixonado pelo período romântico. A música dos anos 30 tem a ver com o Romantismo, com suas orquestrações sinfônicas e arranjos para quarteto de cordas. Conto se gravava música de câmara na época! Gustavo da Ungestra Colbar de São Paulo, que tocava 'Tocando no fôrol' com baniflão, violão, acordeão e flauta. Os antigos me atraíram. Passou a procurá-los em casa de família que tinha

João Benedito, no bairro de José Bonifácio, acorcionam sarras às quintas-feiras. "Os artistas se reuniam lá, já com a preocupação com a preservação da memória cultural. Ouy colun muito antigas na minha infância". Curioso, acumulou dados sobre música popular registrada no Brasil.

Mas pesquisa musical não parou nem pôe mesa. Nirez saiu de estudar desporto técnico, foi publicitário, funcionário público, chargeira e jornalista. Começou como desenhista publicitário no jornal "O Povo". Em 1952, "no dia seguinte à morte do cantor Faticcio Alves", entrou para o serviço público como cartógrafo. Registrado jornalista em 1962. Na mesma época, ingressou no Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Ao longo de 16 anos, até 1990, manteve a coluna "Ceará Ontem e Hoje" em "O Povo", sobre curiosidades cearenses. "A coluna era semanal e versava sobre tudo", diz. "Parei aos poucos. Primeiro me disseram que o espaço ia ser reduzido. E fui me dedicando a outras coisas. Em imprensa, você tem

o barão de Stadard, que a manteve até morrer, em 1934. Sucederam-se na função os historiadores Euclides de Sousa, Leonardo Moura, João Hilpólio, Campos de Oliveira e, por fim, Nirez".

"Sei os dias primeiros ano, mas me entendi e fui escangalhado nos jornais dos séculos passado e retratado. Há três anos, resolvi escrever um livro". Intitulou-se "Cronologia Ilustrada de Fortaleza" e deve sair em abril, com patrocínio do Banco do Nordeste do Brasil. Os dois volumes têm com os dados e outro com índice e fotografias, com mais de 500 páginas, contam a história da cidade, de 26 de janeiro de 1500, quando o conquistador espanhol Vicente Pinzón desembarcou na praia de Iracema, aos últimos dias do ano 2000. "A organização é por datas. Reúni os nomes de todos os presidentes e governadores, intendentos, prefeitos, bispos", explica Nirez. Recolheu informações minuciosas sobre a Confederação do Equador — movimento separatista que pretendia, nos dias de 1724, converter o Ceará numa república (teria

balbo, Alcino Santos e João Severiano. "Começamos a fazer a mesma coisa sem que um adesão do outro", conta. "Comecei fazendo listas de discos por pura acessibilidade de organização. Afinal, desde 1963, minha coleção já era significativa, porque eu recebia doações por causa do programa de rádio. Nos encontros de pesquisadores, tomei conhecimento que Alcino, meu contrórrio estavam nessa também. Ai, para economizar esforço, começamos a trocar figurinhas. Eu mandava listas para eles e vice-versa e fomos confirmando e preenchendo os vazios". A Funarte forneceu um passe-livre para o quarteto ingressar em condição privilegiada, em todos os arquivos públicos do país. "A gente passou dois anos confinados. No final, pagaram uma alibria para os quatro".

Volta à pena, pensa Nirez. "É a melhor obra de referência sobre a

"Sou um apaixonado pelo Romantismo. E a música dos anos 30 é romântica"

Aos 66 anos, aposentado há oito, Nirez vive do prestígio de uma massa admirada na juventude, a de colecionador de discos. Seu acervo compõe, segundo ele, 22 mil discos de 78 rotações, 29 mil fotografias de músicos e compositores e outros 20 mil de episódios históricos e imagens do Ceará. Há quem diga ser bem mais. E isso

FONOTECA
Luís Antônio Giron



Televisão

MegaFonêl é o mais novo programa da TVC, dirigido ao público jovem e veiculado aos sábados pela manhã 6

Programa-se

Confira na agenda os eventos que acontecerão esta semana em Fortaleza 4

O POVO

e-mail: opovo@opovo.com.br

vida & arte

FORTALEZA-CE, SEGUNDA-FEIRA, 4 de novembro de 2002

PROJETO

Memória de Cera

O arquivo de cera do pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, 22 mil discos da primeira metade do século XX, vai ser digitalizado. O colecionador foi um dos selecionados no Programa Petrobras de Música, entre projetos de todo o Brasil

Ana Mary C. Cavalcante da Pinheiro

Miguel Ângelo de Azevedo - em resumo, Nirez - se inscreveu no Programa Petrobras de Música com o o Projeto Mito Século de MPB - Disco de Cera. Não, pleiteava a digitalização do acervo que mantém em casa, desde 1954. O programa investe, justamente, na recuperação de registros musicais brasileiros. Nossas palavras, R\$ 2,5 milhões destinados a subgarantir esse filio da memória artística nacional. Nirez foi um dos 12 selecionados, entre 466 inscrições do Brasil inteiro, e deve transformar seu museu de cera em cópias/CDs. "Recorrer essa grata notícia transmissível (terça-feira). Viajei anteriormente, batemos retrato junto com o diretor da Petrobras, trocamos figurinhas e ideias e voltei ontem muito satisfeito", comemora o pesquisador. O Museu da Imagem e do Som, em Fortaleza, entra como patrocinador e garante uma cópia do acervo de Nirez. O trabalho deve ser realizado em oito meses.

Melhor que essa notícia, só uma visita ao museu (casa) do pesquisador, no Riofólio Tróvão, perto da linha do trem. Assim que você avistar umas placas alertando "Zona de Silêncio", mandadas colocar pelo morador da Rua Professor João Bosco, 500. Em meio à "linguagem organizada" - discos, fitas, gramofones e vitrolas -, Nirez passará por suas memórias e seu acervo. Só o trem, voz ou outra, mette-se na conversa, apitando lá fora. Daqui a pouco aparece dona Zenita, cajutina na bandeja. E um "caderninho de autógrafos" na mão cada jornalista que passa por ali, ela cobra a assinatura.

O POVO - Como tudo começou?

Nirez - Bom, tudo começou quando eu era jovem, tinha 20 anos de idade. Isso, em 1954. Como qualquer jovem, comprei um toca-discos - que, naquela época, a gente chamava de "pick-up" - e comecei a comprar discos. Eu não gostava da música da minha época - que era música que veio após guerra, a única resistência que nós tinhamos era o baião. Então, comecei a me lembrar das músicas que ouvia na minha casa. Quando eu era menino, meu pai tinha um gramofone, depois, uma vitrola e ouvia aquelas músicas de Orlando Silva, Sílvio Caldas, Carlos Galhardo, Vicente Celestino, Francisco Alves... Então, comecei a procurar, no comércio, essas músicas. Como, naquela época, a música ainda não tinha época, como hoje tem (uma música que, com um mês, dois, já está velha)... Então, existia, no comércio, reedições de discos de 1928, 38, 48. E fui adquirindo essas reedições até esgotar. Quando esgotou no comércio, passei para as casas de família - que tinham discos que eles tinham comprado antes e que já não tinham mais tráfego no mercado. E passei a fazer troca, comprava, fazia qualquer negócio. Tive a sorte de, nessa época, ser o advento do LP, então, eu comprava o LP e, facilmente, conseguia cera em troca. E fui formando a minha discoteca.

O POVO - Quais eram suas preferências, em relação aos artistas da época?

Nirez - A minha preferência sempre foi música popular brasileira - que, nessa época chamada "finc de ouro da música popular brasileira", era, praticamente, a música carioca (com muitas influências de Pernambuco por

que tinha o frevo). Sempre foi considerada brasileira a música carioca. Hoje em dia, já saiu mais do Rio de Janeiro essa onda, mas, infelizmente, estamos cívicos de influências estereótipos. O sujeito pode dizer: Ah, mas, hoje, a Bahia, a música baiana...

OP - Nirez, me fale um pouco do contexto em que você viveu a casa dos seus pais, na qual você ouvia este período.

Nirez - Foi o seguinte: meu pai era artista plástico, fazia pinturas, era psicólogo e retratista. Morávamos de favor numa casa que o Emílio Hinko tinha naquele quarteirão, onde foi o palacete do Plácido (que derrubaram), nos fundos - onde é, hoje, o Centro Artesanal Laura Távora. Aquela quarteirão todo era um sítio tinha mangueira, cajueiro, bananeira, pé de murici, pé de umbu... E eu tinha cinco anos de idade, morava ali, quando meu pai fez um retrato do pai do Raimundo Araújo e, em troca, deu um gramofone com alguns discos. O pai do Raimundo Araújo deveria ser um colecionador porque os discos eram, mesmo, azepechou era o primeiro disco do Chico Alves, do Vicente Celestino, de vários cantores. E nós passamos a ouvir esses discos no gramofone e, como corria o ano de 1939, meu pai começou a comprar discos antigos, da época que era o Orlando Silva, Sílvio Caldas, Francisco Alves, Carmen Miranda, etc. Então, eram essas músicas que eu mais ouvia; essas anteriores a 39, gravações até mecânicas de 1907, 08.

OP - A opção de diversão, na época, era ouvir esses discos...

Nirez - Era. Era ouvir esses discos, brincar de bafo das árvores comendo frutas e, próximo, tinha



O pesquisador Nirez: memória da música brasileira da primeira metade do século XX

o Cine Cristo Rei, onde a gente ia assistir peças teatrais e cinema. Meu irmão trabalhava em teatro, era ator, e a gente estava sempre ali, pelo Cristo Rei.

OP - Na adolescência, continuou...

Nirez - Na adolescência, eu me fiz desenhista, fui trabalhar na redação do jornal O POVO, li na Rua Senador Pompeu. E, nessa época, comecei a ganhar um dinheirinho, aí, achei de comprar um toca-discos para ouvir minhas músicas.

OP - Seu acervo foi aumentando, você comprou uns discos, ganhou outros... tem alguma história engajada nesse meio, algum disco sumiço de alguém?

Nirez - Tem, tem! Uma vez, fui na casa de um cidadão, li na Rua João Cordeiro, ele tinha bastantes discos importantes - importantes pra mim. Mas ele achou que o disco

tinha mais importância porque eu estava lá procurando, né? Então, conseguiu a bota um pouco desgraçado - mas ele não sabia o que tinha. O que eu fiz? Levantei disco pra trocar com ele, pagava os que mais me interessava e que ele dizia que não fazia negócio e misturava... Terminava levando! (risos)

OP - Nessa época em que você começou a colecionar, era só isso. E, quando cansa, como é que foi pra trazer tudo?

Nirez - Ela (dona Zenita) sempre gostou. Eu me casei em 39, comecei essa coleção de disco em 54. Em 59, inventei de ir pra São Paulo, vendi minha coleção toda. Mas conservei 39 discos que eu não soltava. Eu digni lá em São Paulo, comprei mais. Fui a São Paulo, tentei, tentei, tentei, não conseguia nada que servisse pra eu levar a família, aí, voltei. Quando voltei, fui refazer. Muitos discos

eu conseguia vender e outros, não, não mais.

OP - Nirez, você já fez "alguma média" com a "jardou", já fez dedicou algumas músicas desse seu acervo?

Nirez - Não, só no tempo do número (risos). No tempo do número, a gente fazia serenata, botava discos, essas coisas.

OP - E não tem muito filmes - do acervo?

Nirez - É o jeito, né? Cada um daquilo desses tem uma história. Uns deram trabalho para conseguir outros pra trocar, outros deu trabalho para conseguir o dinheiro pra comprar, outros deram trabalho para posar (risos).

OP - E não tem ou filmes, quantos?

Nirez - São 22 mil discos, eu tenho de 40 mil músicas.

Letra e entrevista por Ingrid de Paula (Arbore) (www.opovo.com.br)

vida & arte

FORTALEZA-CE, SEXTA-FEIRA, 13 de maio de 2005

STAR WARS NA TV

A Fox está exibindo os cinco episódios anteriores da saga Star Wars. O ABC Mundo está com uma série de documentários e biografias sobre o tema. No próximo dia 19, estreia o último a Vingança dos Sith

GUÍA VIDA & ARTE

Hoje, a programação de cinema está publicada no Guia Vida & Arte. Confira os shows do final de semana e dicas de espetáculos de teatro, estréias de cinema e destaques de gastronomia

DA CERA AO MP3

Acervo do Cavaleiro
de bronze

Quanto ao acervo, ainda pode ser. Um grande lote à venda, vitrolas, discos de cera, partituras, publicações diversas e fotos preto e branco de bandas da música popular brasileira a custo do acervo do Nirez está em exposição no Instituto da Cera desde o dia 4 de abril. E nem tudo é velho. Miguel Azevedo, o Nirez, é uma referência brasileira no assunto. Há muitos anos, a casa dele se mistura ao museu, particular, mas de portas abertas a quem o quiser. Sem apoio oficial, Nirez reuniu, entre outras delícias musicais, cerca de 22 mil fichários antigos de cera de carnaúba. Com recente participação da Petrobras, todos estes discos estão sendo copiados para CD e MP3.

O grande lote, com sua caixa de madeira e o suporte em ferro de bar, é da marca Victor, fabricado pela Canadian Odeon Jersey, Estados Unidos, em 1905. E funciona? "Vou lá de volta na máquina", diz Nirez, e pode ouvir alguns discos. A coleção de cera é perfeita. O grande lote doado ao Nirez por seu "primeiro colecionador do País" As gravações começaram em 1902, ele começou a colecionar em 1908. Antes de morrer, ele doou pra mim".

Nirez colecionou, a partir daquela, em suas viagens parciais. Ele era taxista e a cada volta em detalhes de madeira. "Niguelito" em peça, orelha, boca pra lá. Ao lado, um fonógrafo de cera, de 1905, também fabricado, e duas vitrolas portáteis à corda, uma de 1914, outra de 1918. Vimos também magnetos, pesonagens, apitos, canções brasileiras com apêndices. "Agora existe uma loja chamada Casa dos Alpes. Ela vende discos e todo tipo de coisa para gramofono e vitrola. A loja fechou em 1970. Começou todo o acervo". Também estava lá um disco de carnaúba, macia, delicada. Tinha de cera".

Nas paredes, os artistas. Cada nome, cada pretado, medalha de honra, maquiagem são também fotografias de uma época. De Cássio, José Lody, Barroquinha Ramos - o Ramos Cotico, modéstica e grata. Também Gedeon Buarque Neto, Humberto Teixeira, o violonista Alcega Freitas e Laura Mota, inventores do balancete, o cantor Gilberto Milani, o Papato Apolin.

A exposição também tem raros álbuns bibliográficos. O Dicionário da Música Brasileira, publicada pela Editora Quarenta, do Rio, Modéstica do Carlos da Paqueta Coimbra, Tróvão Caçapas. A vida pioneira de Carlos Paiva.

Os álbuns antigos de publicação da PREX, a primeira emissora brasileira, fundada em 1934 por João Elummar. Os primeiros apêndices foram gravados pelo mesmo músico.

Da coleção de cartões, Nirez trouxe vários exemplares. "Muitos do catálogo atual, as gravações publicaram boletins mensais", lembra. Vi-se ainda exemplares da Revista do Estado, com uma, com o grupo coreano 4 Am e 1 Coringa, na capa de fevereiro de 1988. E partituras. Nirez mostra "A Malhada", um dueto com letra de "Oscarito Azevedo", dia, acoustando a letra só, de graça antes de nome de sua pai. Composita "para o lançamento da casa A Malhada, que ficava no rua Guilherme Rocha".

O ano, 1918. Nirez tinha quatro discos. E antes do disco de cera "Artes do disco, era o rádio fonográfico", diz Nirez, que também trouxe alguns para a exposição. O solo e de cordão, recitativo com um de carnaúba. Próximo, o grupo de gravação e também em metal. "Um cara que estava ligado à RCA Victor, no Rio, achou na loja de São. Depois, ele veio para o Ceará, começou com ele".

Um cartão. Jo também de uma capa de madeira, com a cara do Dito Gualino e sua característica viscosa, símbolo de sua companhia à posterioridade, em 1960. E um disco, com o mesmo título "Eu vou aí". Há outro exemplar de campanha política, desta vez, em papelão mas no formato mesmo. "O fazemos uma fita da campanha de Elino Lobato. O outro disco diferente é "Sociedade 207, mas Maria Adven cantando "A marcha dos bombeiros" para o carnaval. "Não esqueço", diz o Nirez. Na manhã levou o primeiro do pesquisador, um catálogo com todos. Todos os anos, os dois gravados no Brasil, de 1902 a 2005. "Foi 64, de novo de fabricar os discos de cera. Não que nada a ter com a tecnologia atual", diz o Nirez. Em 1902, era uma trena de madeira, gravado. Hoje é uma trena de alumínio, gravado. Há ainda os álbuns de publicação da PREX, a primeira emissora brasileira, fundada em 1934 por João Elummar. "Os primeiros apêndices foram gravados pelo Oscar Welles. Era aqui é de 16 de julho de 1942". E Nirez deu-se a contar a partitura do Acervo.

MP3

ARQUIVO DO NIREZ | O pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, mostra parte de seus tesouros no Instituto do Ceará. A exposição termina hoje. O acervo do Nirez está sendo digitalizado e logo mais estará disponível em MP3



SERVICO

Documento Sonoro - exposição do acervo bibliográfico de Nirez. Até hoje, no Instituto do Ceará, rua Felipe III, No 100, 114, em frente à Igreja de Carreira 94. 3221-6732. Aberto ao público.



O ACERVO NA REDE

A exposição do acervo do Nirez está sendo de cartas, para voltar ao Brasil, em data ainda a ser definida. Mas logo mais, todos os discos de cera do colecionador estarão ainda mais disponíveis e acessíveis ao público.

Através da digitalização para CD e MP3. Há muito tempo se fala esta realidade. Conseguir um programa de computador e há ficando no meu estado, desgratado. Al sempre a oportunidade: através da Petrobras, de conseguir quase

para acobitar o processo". Nirez inscreveu-se para a seleção de projetos que o estatal participava este ano. "Um dia, quando, sem nenhuma, uma carta da Petrobras, comunicando que o projeto foi aprovado e eu devia ir ao bloco de Jacaré, tal dia, tal hora. Me mandaram a passagem, eu lá".

Na área musical, foram gravados dois projetos. Entre eles, o de recuperação digital do acervo sonoro do escritor modernista Mário de Andrade. Nirez, que já estava com a mão na massa no seu "legado", como ele chama o seu próprio acervo em sua casa, agora

receber um mais adequado. O prazo de término do trabalho é agora, mas a encomenda vai ficar pronta bem antes. "Prazer que no mês que vem", diz Nirez, que trabalha por ordem alfabética de gravadora.

E são quanto discos mesmo? "Vim e deu mil e alguma coisa. Agora, eu disse 22 mil e um mil e cento, mas um milhão de discos, por que não não paga estes quantos discos? Eles ainda estão? Mas já tem alguma coisa". Em cada disco, duas músicas, entre 44 mil músicas e mais algumas. "Para o futuro, quero criar um site, por disponibilizar fotos, músicas, o que eu tiver".

CADERNO 3



Diário do Nordeste

caderno3@diariodone.com.br

PAIXÃO DE CORETO

PRESENTAÇÃO DE TI COLLETTA - A
PRODUÇÃO DE CUSTO MENOR E MA-
QUARIADO CRIATIVO E

MEMÓRIA

Arquivo Nirez: 50 anos

○ Celebrando cinco décadas, o Arquivo Nirez prepara uma vasta programação, com novidades como melhorias na biblioteca e lançamento de site

DEBORA MULLER
Repórter

Em tempos de velocidade, fragmentação, instantaneidade e excesso de informação, a memória desperta preocupação, ênfase reflexiva e pede cuidados. No mesmo tempo, há quem a ela dedique a vida, com entusiasmo e a importância do fôlego envolto entre trabalho e vocação. Em Fortaleza, um dos grandes exemplos de cidadãos que se desdobram a construir guardiões de momentos eternizados em seus arquivos, alguns ainda surpreendidos por Nirez. Apoiado de família que o do sustento o nome, Miguel Angelo de Azevedo, o se firma, por lá, tantos quanto se comemoram a frequência ao arquivo, o objetivo de memória, conhecimento, educação.

Uma ideia: o Arquivo Nirez está celebrando, em 2008, seu cinquentaésimo. Nirez nunca imaginou quando dos primeiros arquivos de cinco por seu ideólogo, ainda em idas de 1954, ao que se poderia chamar "pê-loco" do arquivo. "Quando eu comecei a montar meus arquivos, não tinha ideia de massa, de coleção, de nada. Comecei por meu diário, como qualquer pessoa faz. Mas quando cheguei em 1958, eu tinha muito, mas muito pouco, tinha três, não... Depois fui pra sua antiga sobre música. Al fundei o Museu Paleográfico do Ceará", conta Nirez, sedido como sempre, heróico e sério e com um pouco de entusiasmo ao falar de seu arquivo, em pleno hábito

de Ouro. "Tá só minha. Depois comecei a buscar outros exemplos, biografias, álbuns. Al model pra Museu Getúlio da Contabilidade, já com discos, fotos, revistas, livros, músicas, peças mais gravadoras, vitrolas, máquinas fotográficas, máquinas de escrever... Quando houve um problema com a Prefeitura, em 1981, acho que teve muito problema com coisa pública, e model pra Arquivo Nirez, sempre no mesmo lugar, no João Bosco, 580, desde antes de abrir esse rua".

O "projeto" a que Nirez se refere basta como, um 50 anos contados desde o início de suas biografias, a relação de pesquisador com o Poder Público foi modificada. Até os anos 90, o arquivo, aberto ao público e fonte de referências para estudantes, professores e demais interessados, nunca recebeu, segundo Nirez, nenhuma espécie de reconhecimento. "Os tinham em na empalho a vida. De 80 pra 91, a Prefeitura agrediu um racha aqui, sempre com lá, os ama ra, e rachou minha casa digna. Um projeto que tinha acabado de me dar trabalho, de mais momentos do governo César Cals. Bassi no chão e estragou tudo, os registros com a água", reclama, ainda lamentando.

Hoje, o quadro é bem diferente. Depois de receber apoio da Secretaria de Cultura do Governo do Estado em meados dos anos 90, para a montagem de um estudo, e de garantir a nova década a dignificação de todo o seu acervo de discos, patrocinada pela Petrobras, Nirez conta hoje com aprovação em nada menor que cinco mil reais - em do Estado e quatro da Prefeitura de Fortaleza - para iniciativas relacionadas aos 50 anos do arquivo.

De catálogo a website

De acordo com a musicista e produtora cultural Myrcella Paolino, responsável com um grupo de "arquivos do Arquivo Nirez" pela elaboração de projetos e pela



IMAGENS DO ACERVO: o rádio Philips 1545 e um dos milhares de discos de cera preservados - FOTO: DIVULGAÇÃO/ARQUIVO

recepção de todos os materiais relativos ao desenvolvimento do acervo. "Cada vez que eu vou lá, vejo um mundo novo. O que eu guardo muito surpresa, e acho de de de novas aquisições", conta. "Tu imagina com que eu tinha que ter um gravador pra gravar tudo que ele fala. Paguei tudo que ele fala é uma vida. Não tem lugar melhor no mundo pra estar do que lá. Eles são verdadeiros, e a gente aprende muito".

O projeto está alinhado ao momento de produção de um catálogo de apresentação e resumo do acervo, ilustrado por 40 peças integrantes da coleção, possibilitando, segundo

divulga o empregado que dá ao livro "Fortaleza - Oitavo e Hoje". "Vai ser o mesmo título dos postais".

Por outros projetos aprovados em editais estão previstas a elaboração de uma instalação e a realização de um seminário. "A ideia é fazer uma instalação, como uma exposição, com amplificações de 60 minutos de fotos que existam no acervo, do fundo, da cidade...". destaca Myrcella. "E o acervo deverá se chamar 'Conversas sobre um Acervo - Conversação dos 50 Anos do Arquivo Nirez', reunião de 50 palestras, duas e de fora. A parte que falar sobre o patrimônio, o que representa o arquivo pra cidade, e pra ela', acrescenta, citando que esse projeto ainda dependa de algumas reuniões com o equipe da Prefeitura para definição de verba e ser disponibilizada.

Biblioteca: história e música



MIQUEL, ENTUSIASMADO com os 50 anos do arquivo. "Pensamos também em uma nova sede"

Por fim, o maior recente projeto aprovado foi para o Museu de Arte e Música de Azevedo, cujo resultado foi divulgado esta semana pela Prefeitura e contemplou a proposta "Normalização da Biblioteca do Arquivo Nirez". São mais de oito mil livros no acervo, cinco mil discos e seis milhares de cartas e outros materiais. O projeto é pra catalogar mais livros, organizar sua material produzida, inclusive com um computador para pesquisa", aponta Myrcella. "Vamos fazer também um conjunto de abertura oficial da biblioteca, e estaremos acenando sugestões pra nome".

Além dessas iniciativas, o acervo deverá entrar na Internet este ano, com direito a consulta direta a parte do material audiovisual. "Estamos preparando um site do arquivo, com muita coisa sobre a cronologia de música brasileira e também as músicas pra ouvir, em MP3 ou coisa pra ouvir", conta Nirez, que mostra desconfiança ao se adaptar bem as novas tecnologias, mas não deixa de fazer suas sugestões à qualidade de seu do formato compreendido de arquivos musicais. "Teremos também em uma nova sede, que aqui tá pequeno pra mim", o acervo. Entretanto, está sendo com esse equi-

○ Mais informações:
○ Site do Nirez: www.arquivo-nirez.com.br
○ Site do Museu de Arte e Música de Azevedo: www.museu-azevedo.com.br
○ Contato:
caderno3@diariodone.com.br



caderno 3

Diário do Nordeste

FORTALEZA, CEARÁ, QUINTA-FEIRA, 20 DE ABRIL DE 2011 | ANO XXX | caderno3@diariodone.com.br

MÚSICA

Crônica sonora



O MIGUEL ÂNGELO de Azevedo, o Nirez: palácio da longa vida pelos registros musicais brasileiros em discos da casa é morto de seu novo livro, que deve ser lançado ainda neste ano. FOTO: DA SILVA

O Está no prelo "A História Cantada no Brasil em 78 Rotações", do pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez. O foco são as músicas gravadas em discos de cera entre 1902 e 1964

INTERVISTA DE ANA RAPOSO

Fim de tarde, silêncio, céu nublado. Foi nesse silêncio atípico, no bairro Rodolfo Teófilo, que um dos mais importantes pesquisadores da música brasileira, o pesquisador Miguel Ângelo de Azevedo, nasceu. Hoje, abriu as portas de sua casa para receber o *Caderno 3*.

O nome da conversa será a finalização do livro "A História Cantada no Brasil em 78 Rotações", que acaba de entrar em pauta pela editora do Departamento de Federal do Ceará (DFCE). Deveria ser, mas o caminho pelo qual chegamos a longa noite, se entrelaçou por lembranças profundas e serenas.

A simpática recepção do filho mais velho, Mário, que insiste que o escritor, dá uma ideia de que vem pela frente. Ainda dentro da sala pouco iluminada, podemos ler as frases de cartazes, aproximadamente 22 mil exemplares de discos de cera, as várias "viciadas", gramofones, fotografias e uma bela coleção de raios e fotos antigas.

No momento exato, parecem páginas de papéis e fotografias antigas, se misturam a CDs modernos, livros, pastas, cartas, perfumaria e um estêre com um palácio pensativo. Nirez está sentado, confortável e relaxado. É o início da conversa que onde está gravado informações de toda uma vida dedicada à história da música.

Mais precisamente, 62.969 registros. Todos devidamente catalogados em um programa recentemente criado pelo outro filho, Otacílio Nirez, que digitalizou todo o acervo do pai, por meio de um projeto apoiado pelo Ministério da Cultura e patrocinado pela Poesias.

Crônicas sonoras

Um abraço ao filho e ele diz: "No livro, consigo dizer todos os principais acontecimentos do mundo que foram enfocados através de versos, crônicas e músicas. No Brasil, se fossemos fazer um levantamento de todos os fatos que nos chegaram através dos meios de comunicação, teríamos milhares de volumes a respeito. Mas escolhemos a gravação sonora em disco de 78 rotações para elaborar nosso trabalho. A gravação em disco mecânico iniciou-se no Brasil em 1902, com a Casa Edison, fundada por Fred Piguar, e teve fim em

1964, e nesse ano que termina a pesquisa", explica Nirez.

Peças próximas das ou três luas, o filho do poeta Otacílio Azevedo e de Tereza Almeida Azevedo, irmão de Sérgio, Gonzalo e Rabens (que faleceu em 2006), irmão de dona Zenita e pai, também, de Teófilo e Nirez, costea histórias. Muitas. E discos, incluindo, de memória, versos do pai morto em 1978.

Colecionismo

"Comecei a colecionar em 1954, eu tinha 20 anos. Só quando consegui reunir um 800, 900 discos, é que comecei este trabalho de catalogar, ouvir e montar o acervo. Pegava um caderno e botava o nome da fábrica, a marca do disco na capa: Victor, Odeon, Columbia, Decca, e colocava em ordem cronológica a numeração e assistia o repertório".

O Olivo trará diversas letras e causas de como surgiram as primeiras gravações de discos de cera no Brasil

Nirez. O que ficou em branco, eu lá à procura. Assim foi formando uma discografia", recorda o colecionador.

O livro "A História Cantada no Brasil em 78 Rotações", que, em breve, estará circulando pelas zonas de estúdios e nos estúdios, terá diversas letras de músicas antigas, causas de como surgiram as primeiras gravações, como de gravadora, número do disco, data de gravação e lançamento, autoria, intérprete e compositores, tudo amarrado aos históricos de composições. De acordo com o autor, alguns poemas estão com interpretação, para substituir palavras inaudíveis devido à má qualidade da gravação, mesmo pelo fato de estar do dobro.

"Olive seu aqui", e mostra um espécime de ata, datada de 1929, com o nome da Gravadora Victor, gravado na capa do disco. "Tudo isso aqui foi registrado do pai. É o próprio registro da fábrica. Tem uma outra interessante. Sabe que, de 1902 a 1914, os discos não tinham autoria? Só o nome do intérprete, o compositor não tinha e muito importante".

Mas o trabalho de Nirez tem a sua. A sua empreitada começou na preservação da memória brasileira, através da

seleção de discos de cera, provavelmente, o mais completo do acervo do País, tem levado o nome do Ceará para além fronteiras.

"Em 1975, eu fui convidado para participar de um seminário em Brasília e fui convidado por João de Castro (1900). Critiquei aquela música de lá que estava sendo feita dentro das universidades, então que o povo não cantava, que não amava. Disse a eles que aquela música de protesto, de frevo, era música para uma elite. A música nova, tem se falado lá só para elite mesmo. Aquelas letras idênticas foram feitas para serem ouvidas por uma elite. Eu vi a época", declara Nirez.

Poesia

Nesse meio tempo, voltamos com um livro de poemas do pai, um dos membros da Academia Cearense de Letras, comente a casa, relembra a longa caminhada que foi, aneddotas dos companheiros de poesia. João Severiano (veremos publicado no Rio de Janeiro), Glicério Barbalho (de Natal - RN) e Alcirino Sauro (de Taubaté - SP), para chegar até aqui.

Já quase noite, hora de ir embora, e a conversa parecia que podia seguir mais três horas. Havia muito mais a falar, o povo lá dentro é profundo. Livro de presença assustado, um a guarda vigilante do Filho Mártir, e uma promessa de retorno em breve.

A impressão era de que a cidade continuava em silêncio, certo se a sua mais intensa fosse o chamado ruído da guitarra, nas gravações das primeiras câmeras brasileiras, ouvindo há pouco, em 78 rotações por minuto. ■



AS REVISTAS DO ACEVEDO de Nirez: memória da cobertura jornalística do universo musical brasileiro, dos discos de cera aos vide

COMENTE

caderno3@diariodone.com.br

DIÁRIO DO NORDESTE
FORTALEZA, TERÇA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO DE 2013

DISCOS

Nirez organizará acervo de cera do IMS

O pesquisador será consultor do Instituto Moreira Salles, que possui coleções raras como a de Tinhorão

FABIO MARQUES
Redator

A partir de ano que vem, Miguel Ângelo de Azevedo, o Nirez, estará dedicado a organizar e catalogação dos discos de 78 e 79 rpm do acervo do Instituto Moreira Salles (IMS), no Rio de Janeiro. A empreitada não tira o pesquisador da direção do Museu da Imagem e do Som, equipamento da Secretaria de Cultura do Estado. Ele será como consultor, apresentando a expertise que tem em gerir o seu próprio acervo, o Arquivo Nirez, com mais de 22 mil títulos.

"Eles têm um trabalho de digitalização dos discos. Está tudo disponível na internet. Mas quando fletam essa digitalização, deixam de oferecer algumas regras de conservação e isso correu a ocasionar reclamações", explica Nirez, sobre o motivo do convite. O IMS possui digitalizado e disponível na internet um conjunto de 28 mil gravações, selecionadas de um total de 100 mil músicas. Se não, estão disponíveis ainda acervos fotográficos (ao todo, 550 mil imagens, incluindo fotografias do Brasil império e registros de artistas brasileiros da primeira metade do século XX), literários (incluindo acervos de escritores como Euclides de Queiroz, Mário Quintana e Clarice Lispector) e artes visuais.

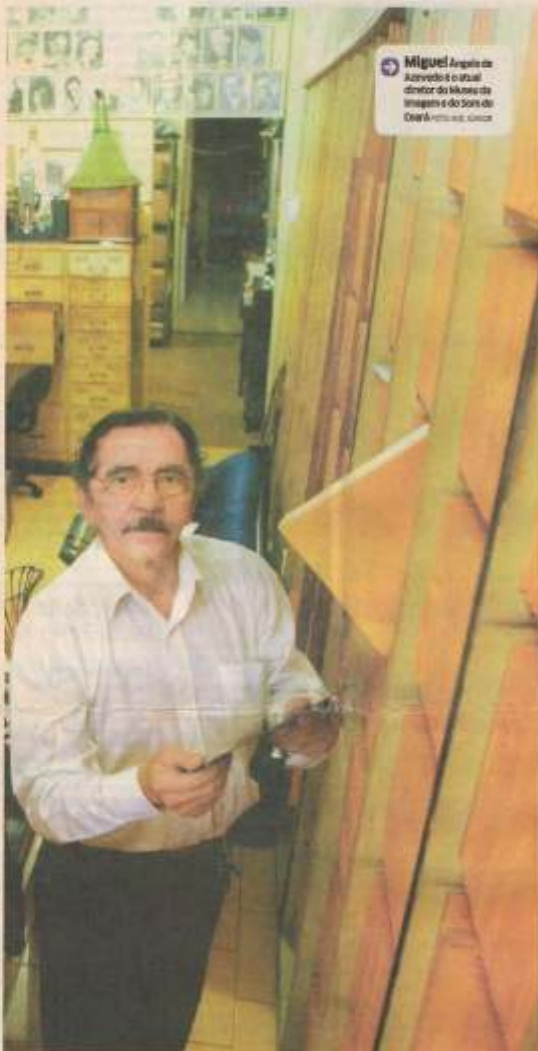
Nirez passou a última semana no Rio de Janeiro conhecendo a arquitetura da entidade e discutindo a reformulação com os coordenadores do projeto. "Eles possuem uma coleção especializada em discos de gravação mecânica, feitos entre 1902 e 1927. As duas coleções mais importantes são as pertencentes ao crítico José Ramos Tinhorão, que tem mais de 6 mil discos, e a do pesquisador Humberto Paraventi, que tem por volta de 12 mil", detesta.

Pesquisa

O convite veio após conhecer a coordenadora de música do IMS, Beatriz Paes Lima, no ano passado, que tomou conhecimento do trabalho desenvolvido por Nirez. Ele foi um dos autores de "Discografia Brasileira em 78 rpm (1902-1964)", publicada em cinco volumes impressos pela Funarte, em 1982. O livro foi escrito ao lado de Alcino Suetos, Grácio Barbalho e Jairo Severiano. "Como dois autores já faleceram e Jairo Severiano já está em uma idade avançada, restou para mim a tarefa", diz, afirmando que o livro é uma referência para o trabalho a ser desenvolvido.

O livro utilizou como fonte cartões das próprias gravações e o acervo do Arquivo Nirez, que é consultado em sua maioria de Paes. Entre 2004 e 2005, Nirez coordenou o projeto "Músic Século de MPB: Datas de Cera", digitalizando, catalogando e disponibilizando os discos. Os áudios, hoje, estão restritos ao Arquivo Nirez, mas os dados catalogados foram integralmente disponibilizados para consulta no site do projeto (www.projeto-musicoseculo.com.br). "O que motivou esse contrato foi exatamente isso. Eles vieram que no site do projeto está fácil acessar as informações, apesar das músicas ainda não estarem no ar".

Nirez adianta que está negociando com a Petrarca a digitalização dos áudios de todo o acervo, que deve ganhar uma página específica pa-



Miguel Ângelo de Azevedo é o atual diretor do Museu da Imagem e do Som do Ceará. Foto: A. Azevedo

RARIDADES

80% POSSÍVEL
Música gravada em 1902 pela Banda da Casa Edison em disco de 78 rpm. Pertence ao acervo de Humberto Paraventi.

ROSA
Versão de Orlando Silva para a voz de Pixinguinha, il com letra do músico Odvio de Souza. A gravação, em 78 rpm, data de 1937, pela RCA Victor.

ROQUE CHOPINHO, OGREO
Gravação de 1943, pela RCA Victor e um dos 23 chorinhos compostos e tocados ao piano por Luiz Gonzaga, disponíveis em seus registros originais.



Crítico de música e historiador José Ramos Tinhorão é considerado uma referência em relação à produção brasileira. Foto: A. Azevedo

IMBARUPÁ
Pertencente ao acervo de José Ramos Tinhorão, arquivado uma das gravações análogas como gênero samba anterior à "Pelo Telefone", de Donga, que é tratada como o primeiro samba de vitória. Além disso, cantado por João Gilberto Ribeiro e lançado entre 1906 e 1912 e o acervo de Tinhorão traz também como "Moinho-Pau", cantado por Ary Barba de mesma data.

"Onde quer que for"
Gravação para o lançamento do acervo do Instituto Moreira Salles e acervo IMS, este por

ra ele na internet. "Eles pretendem fazer uma versão digital do livro 'Discografia Brasileira' e lançar toda a discografia, incluindo as músicas do meu acervo, na internet", revela.

IMS

O acervo do IMS pode ser acessado pela página do Instituto (ms.usfcm.com.br). São criados em coleções temáticas — organizadas em sessões dedicadas aos produtores e a artistas da música brasileira como Pixinguinha (que inclui partituras, fotografias, documentários do compositor), Luiz Gonzaga, Elsie Cardoso, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth. (São também contemplado no site do acervo, por exemplo, entre as coleções, discos como os que pertenceram ao produtor musical Walter Silva, o pica-pau, que produziu Elia Regina, Nair Leão e foi responsável pelo disco de estreia do Pissal do Ceará. O acervo inclui fotografias, cartazes de shows que produziu e gravações.

Clipping de Mídia



NIREZ



“Um dos guardiões da memória
histórico-cultural do Ceará”

2022

Letraviva
CULTURA INTELIGENTE

CLIPPING DE MÍDIA NIREZ - 2022

CONTEÚDO: Nirez / Franciscus Galba

PROJETO GRÁFICO: Franciscus Galba - Letra Viva Cultura Inteligente

CONTATOS: Franciscus Galba (85) 99856.4792 (Celular / Whatsapp)

fcalba1@gmail.com / www.letravivaci.com.br